



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

---

**AMANDA DUARTE VAZ PINTO**

**PORNOGRAFIA E QUESTÕES DE GÊNERO: UM OLHAR CRÍTICO DO PODER  
PEDAGÓGICO DAS IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES**

**BRASÍLIA**

**2018**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

---

**AMANDA DUARTE VAZ PINTO**

**PORNOGRAFIA E QUESTÕES DE GÊNERO: UM OLHAR CRÍTICO DO PODER  
PEDAGÓGICO DAS IMAGENS NA CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES**

Relatório final de pesquisa de Iniciação  
Científica apresentado à Assessoria de  
Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Professora Dra. Ana Flávia  
do Amaral Madureira

**BRASÍLIA**

**2018**

## **Pornografia e Questões de Gênero: Um Olhar Crítico do Poder Pedagógico das Imagens na Construção das Subjetividades**

**Amanda Duarte Vaz Pinto – UniCEUB, PIC voluntário**  
*amandad.vazp@sempreceub.com*

**Ana Flávia do Amaral Madureira – UniCEUB, professora orientadora**  
*ana.madureira@ceub.edu.br*

Nesta pesquisa são abordadas questões relativas ao impacto pedagógico que a exposição de conteúdos pornográficos *mainstream* podem ter no processo de construção da subjetividade de seus expectadores, sobretudo no campo da sexualidade. A pesquisa teve como objetivo geral explorar de que maneira os filmes e vídeos pornográficos, enquanto veículos midiáticos, podem reproduzir práticas machistas ancoradas nas noções do patriarcado heteronormativo, a partir da perspectiva dos/as participantes. A pesquisa procurou compreender de que maneira a pornografia pode servir como fonte de informação para os/as participantes sobre quais papéis homens e mulheres podem desempenhar durante o ato sexual e de como as práticas sexuais encenadas nos vídeos e/ou filmes assistidos podem, ou não, influenciar as relações interpessoais dos/das participantes. Com a revolução digital e a popularização da internet, o acesso a conteúdos pornográficos tornou-se muito mais ordinário, estando presente no cotidiano de muitas pessoas. A importância de se pensar sobre a relação entre pornografia, questões de gênero e violência se dá na medida em que a sexualidade e suas manifestações são ainda assuntos delicados e, frequentemente, ficam fora do escopo de discussões acadêmicas. Para a realização da pesquisa foi utilizada uma metodologia qualitativa de investigação, que envolveu a realização de entrevistas individuais semiestruturadas, de forma integrada à apresentação de imagens previamente selecionadas. Participaram da pesquisa quatro pessoas, sendo dois homens e duas mulheres, na faixa etária entre 18 e 40 anos, que já tenham tido, ao menos uma vez, contato com material pornográfico. Como procedimento de análise, foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática. Após a transcrição das entrevistas, foram construídas quatro categorias analíticas temáticas para nortear o trabalho interpretativo. A pesquisa indicou que a pornografia *mainstream* de fato tem um poder de influência significativo no processo de construção da subjetividade de seus expectadores, especialmente nas questões de gênero e nas *performances* sexuais. Além disso, o impacto negativo que tal mídia tem para o gênero feminino foi bastante ressaltado pelos/as participantes. Portanto, um aprofundamento teórico e empírico sobre a temática em foco pode contribuir para que o combate às práticas misóginas e heteronormativas, tão presentes no cotidiano, se converta em ações no dia a dia, atuando como ferramenta na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

**Palavras-Chave:** Pornografia. Questões de gênero. Imagens. Cultura. Subjetividade.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. Fundamentação Teórica</b> .....	7
1.1 A Masculinidade Hegemônica: uma construção marcada pelo patriarcado heteronormativo.....	8
1.2 Pornografia: as imagens e sua linguagem.....	12
1.3 O Paradoxo Pornográfico.....	17
<b>2. Metodologia</b> .....	21
4.1 Participantes.....	23
4.2 Materiais e Instrumentos.....	24
4.3 Procedimentos de Construção de Informações.....	25
4.4 Procedimentos de Análise.....	26
<b>3. Resultados e Discussão</b> .....	27
3.1 Pornografia, estereótipos de gênero e sexualidade.....	27
3.2 Sobre as imagens apresentadas: aparência corporal, gênero e sexualidade.....	32
3.3 A qualidade pedagógica da pornografia em discussão.....	35
<b>4. Considerações Finais</b> .....	41
<b>5. Referências Bibliográficas</b> .....	43
<b>ANEXOS</b> .....	46
Anexo A.....	47
Anexo B.....	54
Anexo C.....	57

## Introdução

Na presente pesquisa são abordadas questões relativas ao fenômeno da pornografia *mainstream* (pornografia convencional, que mostra explicitamente o engajamento sexual do tipo oral, vaginal ou anal), enquanto dispositivo discursivo sobre pretensos saberes e verdades das práticas sexuais heteroafetivas, produzidas dentro de um contexto sócio-histórico-cultural particular e que atua como instrumento na validação, perpetuação e disseminação dos ideais patriarcais heteronormativos na sociedade.

Abordar questões relativas à pornografia implica entrar em território nebuloso e, como tema controverso que é, incita ricos e calorosos debates por parte de vários segmentos da sociedade (como o jurídico, religioso e movimentos feministas). Estes segmentos põem em questão as imagens sociais por ela mediadas, baseadas na espetacularização dos corpos e do sexo. Imersa dentro de determinado contexto cultural, reproduz uma realidade social com um repertório próprio de imagens que produzem e reproduzem as “verdades”, não só sobre o ato sexual em si, como as representações de corpos, masculinidades e feminilidades, constituindo-se também como importante elemento dentro do atual mercado de consumo (Santana, 2016; Veiga, 2015).

A definição do que é pornográfico já foi proposta por inúmeros estudos. No entanto, não se pode perder de vista que tal definição está condicionada ao seu contexto sócio-histórico-cultural, entremeado pelos valores morais e ideologias de sua época (Guerra, Andrade & Dias, 2004). Para esse estudo, será considerado como pornográfico todo conteúdo visual que ponha em evidência os órgãos sexuais e interações sexuais, sejam elas pelo sexo oral, anal ou vaginal.

Desde as pinturas rupestres pré-históricas, passando pela invenção da fotografia no século XIX e depois sua digitalização, as imagens (estáticas ou fílmicas) são uma parte

importante da cultura, estando ao redor do ser humano em todos os lugares e momentos (Santaella, 2012). Entendida como uma forma de comunicação, expressa inúmeras mensagens e por isso é também uma forma de linguagem. Enquanto dispositivos culturais vão orientar, de diferentes formas, os processos de significação das experiências vivenciadas pelos indivíduos e podem ser concebidas como instrumentos psicológicos que canalizam o pensar, sentir e agir das pessoas dentro de uma cultura coletiva (Madureira, 2016).

Estes processos de significação orientam os processos de construção das identidades de gênero, que têm estreita ligação ao conjunto de relações que permeiam a vida cotidiana. Portanto, as identidades (como, por exemplo, as identidades de gênero, as identidades étnico-raciais, as identidades nacionais, etc.) não são de natureza inata e tampouco uma entidade que rege o comportamento dos indivíduos, mas sim uma forma sócio-histórica de individualidade que é expressa pela atitude (implícita ou explícita) de cada pessoa (Laurenti, 2005). Os processos identitários são relacionais e perpassados pela apreensão dos símbolos culturais e de sua socialização. Tais processos envolvem a marcação simbólica das diferenças entre indivíduos e grupos sociais (Woodward, 2000).

Segundo Martins (2003), a socialização caracteriza-se por ser um processo delimitado em espaço e tempo específicos definidos pelas circunstâncias particulares de cada contexto histórico. Desse modo, o que entende-se por cultura não é algo que simplesmente “influencia” o humano, mas o constitui psicologicamente, marcando de forma profunda o seu desenvolvimento. Nesse sentido, “Desenvolvimento humano e cultura são, portanto, sistemas mutuamente constitutivos, em que estabilidade e transformação estão em permanente tensão” (Madureira e Branco, 2005, p. 101).

Como aponta Louro (2008), não há nada de naturalmente determinado nos roteiros de como ser homem ou ser mulher. Ao contrário, a construção do gênero e da sexualidade constitui-se em processo contínuo ao longo da vida, que ocorre dentro de determinado âmbito

cultural. Assim sendo, os signos culturalmente compartilhados irão delimitar, entre outras coisas, o que é socialmente esperado de homens e mulheres (Madureira, 2016). Tais expectativas sociais partem do pressuposto do corpo como uma realidade sexuada ancorada em princípios que especificam, delimitam e dividem os corpos sexualizados (Bourdieu, 2005).

A construção dos gêneros e da sexualidade acontece por meio de inúmeras aprendizagens e práticas, apreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. Exemplos dessas instâncias são: família, escola, igreja, instituições legais, médicas, além do cinema, da televisão e, portanto, das mídias em um sentido mais amplo (Louro, 2008).

Tais instâncias têm importante papel de forma que “as proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias nem sempre são coerentes ou igualmente autorizados, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais” (Louro, 2008, p. 18). Instâncias essas que irão adquirir caráter de “especialistas” em seus campos de atuação na medida em que indicam para as pessoas o que vestir, como se comportar em determinados ambientes e situações, o que fazer para ter “sucesso” (financeiro e/ou amoroso), para ter saúde, ser feliz, como comportar-se sexualmente, entre outros.

Sendo o sexo um assunto polêmico e *tabu*, acaba ficando fora do escopo da maioria das discussões – especialmente dentro das instâncias mais tradicionais, como a escola e a Igreja – que não se restrinjam apenas ao aspecto biológico. Portanto, seu caráter pedagógico é, então, justificado na medida em que – dentro desse *gap* – a pornografia adquire, mesmo que moralmente não autorizada, *status* de “especialista” no campo da sexualidade.

A partir do surgimento das VHS nos anos 1970, juntamente com o investimento em filmes de longa-metragem, o gênero pornográfico se popularizou e trouxe o gérmen da

produção pornográfica de massa (Santana, 2016). Com as mudanças e a consequente ampliação dos mecanismos de circulação de imagens (revolução digital e acesso à internet), a pornografia tornou-se normativa no mundo ocidental, com indiscutível influência na cultura brasileira.

Exemplo disso é, segundo D'Abreu (2013), o Brasil ter sido o segundo maior produtor de vídeos pornográficos do mundo (ficando atrás apenas dos Estados Unidos) e movimentando o quinto maior mercado consumidor – majoritariamente masculino – com uma média de 53 dólares per capita, no ano do estudo. Além disso, a maior feira de produtos eróticos da América Latina acontece na cidade de São Paulo e a empresa brasileira Frenesi Filmes estava entre as quatro maiores do mundo no ramo de entretenimento adulto (D'Abreu, 2013).

Tendo em vista o veículo midiático de massa que o gênero pornográfico é (influenciando e sendo influenciado pelo público consumidor) e, portanto, a expressiva presença deste tipo de mídia no cenário nacional, a construção de articulações entre a psicologia e os estudos de gênero possibilita uma análise crítica das íntimas relações entre o efeito proposto pelo discurso pornográfico e os sentidos que os/as participantes atribuem à influência da pornografia em suas vidas. Enquanto símbolo cultural impregnado de significações, o discurso pornográfico tem papel ativo como componente das construções identitárias dos indivíduos, entendidos como sujeitos eminentemente sociais e relacionais.

O uso de imagens, como ferramentas analíticas, pode trazer significativas contribuições para uma compreensão mais aprofundada acerca dos processos de construção da sexualidade de homens e mulheres no Brasil (Madureira, 2016).

Levando em consideração que as práticas sexuais são ainda assuntos delicados, o lugar que a pornografia ocupa como peça importante na composição dos roteiros sexuais como fonte primária de informações sobre práticas sexuais para um grande número de

pessoas (Duarte & Rohden, 2016) e as problemáticas que ela suscita no que concerne à difusão de interações sexuais fantasiosas e deturpadas, é de suma importância ampliar os estudos acadêmicos – sobretudo empíricos – sobre o tema.

A intenção aqui será romper com o senso comum sobre o problema de pesquisa em foco, os atores sociais e as circunstâncias do fenômeno em questão. Trata-se de uma questão social de grande importância que produz e reproduz posturas desumanizantes, pautadas, frequentemente, nos estereótipos de gênero. A realização desta pesquisa pode gerar subsídios para atender a demandas sociais (como o enfrentamento da violência contra a mulher) de mudança das práticas vigentes na pornografia *mainstream*, tendo como um desdobramento possível a criação de dispositivos que promovam maior segurança às pessoas envolvidas nestes tipos de produção. Tem-se em vista contribuir para a produção de novos conhecimentos na área e também para avanços metodológicos, no que diz respeito à realização de pesquisas qualitativas sobre temáticas delicadas e polêmicas.

Além da contribuição acerca das práticas discursivas que podem gerar preconceitos e práticas discriminatórias, a tensão que se dá entre os conhecimentos teóricos e os indicadores empíricos na pesquisa qualitativa é sempre terreno fértil para a produção de novas perspectivas e possibilidades sobre as questões problematizadas.

## **Objetivos**

Objetivo geral:

Explorar de que maneira o filmes e vídeos pornográficos, enquanto veículos midiáticos, podem reproduzir práticas machistas ancoradas nas noções do patriarcado heteronormativo, a partir da perspectiva dos/as participantes.

Objetivos específicos:

- Compreender de que maneira a pornografia pode servir como fonte de informação para os/as participantes sobre quais papéis homens e mulheres podem desempenhar durante o ato sexual;
- Analisar em que medida os/as participantes acreditam reproduzir as práticas observadas nas cenas pornográficas;
- Analisar como a reprodução das práticas sexuais encenadas nos vídeos e/ou filmes pode influenciar as relações interpessoais dos/as participantes.

## 1. Fundamentação Teórica

A pesquisa utilizará como base teórica a psicologia cultural (Bruner, 1997; Madureira, 2012, 2016; Madureira & Branco, 2012; Valsiner, 2007, 2012), em sua vertente semiótica. A psicologia cultural, assim como outras perspectivas teóricas sociogenéticas, apresenta como um dos seus pressupostos centrais a consideração da gênese social do desenvolvimento psicológico individual.

Nesse sentido, a cultura coletiva, a partir de inúmeros e diversificados mecanismos, canaliza as experiências concretas vivenciadas pelas pessoas, orientando as ações, os pensamentos e os sentimentos. Ao mesmo tempo, enfatizamos o papel ativo das pessoas nos processos de significação em relação ao mundo social em que estão imersas, bem como em relação a si mesmas (Madureira & Branco, 2005; Madureira, 2012, 2016).

Além disso, cabe mencionar que consideramos a mediação semiótica como um princípio explicativo de fundamental importância na compreensão das complexas relações entre o desenvolvimento psicológico tipicamente humano e a cultura. De forma mais específica:

(...) consideramos que os processos semióticos estão na base dos fenômenos culturais – tanto na esfera coletiva, como na esfera pessoal. Como existem múltiplas possibilidades de combinações entre ícones, índices e símbolos, os signos verbais e visuais apresentam uma natureza híbrida que introduz uma grande complexidade nos processos de significação, sempre imersos no fluxo irreversível do tempo (Valsiner, 2007). (Madureira, 2016, pp. 59-60).

Palavras e imagens são, portanto, compreendidas como signos, como instrumentos psicológicos fornecidos pela cultura coletiva (Valsiner, 2007). Portanto, no decorrer dos processos de socialização das pessoas, as palavras e as imagens (signos verbais e signos visuais) vão criando um terreno de inteligibilidade em relação aos contextos em que as mesmas se encontram inseridas, bem como em relação a si mesmas (Berger, 2008; Madureira, 2016). Um terreno de inteligibilidade no que se refere aos pensamentos, sentimentos, ações e desejos vivenciados pelos indivíduos.

É a partir desse contexto teórico mais amplo, que apresenta como base a psicologia cultural, que se insere a relevância de pesquisas empíricas sobre as relações entre os filmes/vídeos pornográficos e os processos de constituição da subjetividade. Por sinal, uma temática relevante, mas ainda pouco explorada no âmbito da ciência psicológica.

Nesse sentido, para falar de que maneira a pornografia *mainstream* constitui-se como herdeira e perpetuadora do patriarcado brasileiro, é necessário realizar um breve panorama histórico da construção da sexualidade e das categorias de gênero no Brasil, a fim de melhor compreender as bases que estruturam as representações de gênero veiculadas pela pornografia *mainstream*, bem como os desdobramentos que isto acarreta.

### **1.1 A masculinidade hegemônica: uma construção marcada pelo patriarcado heteronormativo**

A família tradicional brasileira, desde a sua origem no período colonial, é caracterizada como essencialmente dualista e hierárquica: a figura do patriarca detinha poder e autoridade quase ilimitados sob todos os membros da casa (Parker, 1991). Esta estrutura hierárquica de dominação e poder foi estabelecida, sobretudo, pelo uso da força e agressão. O uso de violência por parte do patriarca colaborou decisivamente para a distância social entre

ele e seus pares, principalmente para distinguir entre as imagens de “macho” e “fêmea”, baseada em um princípio de extrema oposição e diferenciação (Parker, 1991).

A força da visão androcêntrica do poder masculino se evidencia pelo fato de não haver a necessidade de discursos que visem justificá-la (Bourdieu, 2005; Parker, 1991). Com o poder inteiramente nas mãos dos patriarcas, estas diferenças eram marcadas pelas noções de superioridade, vitalidade, atividade, domínio do espaço público (trabalho, economia, política) e o uso legítimo da força, em relação ao masculino. O feminino, por outro lado, era associado à inferioridade e à passividade, sujeito à absoluta dominação, e “prisão” domiciliar (Parker, 1991).

Esse dualismo perpassava todos os aspectos da vida, inclusive o sexual. Os homens gozavam de uma liberdade quase que absoluta para exercer sua sexualidade dentro e fora do casamento. Já as esposas eram rigorosamente controladas por seus maridos e deveriam estar dispostas ao engajamento sexual sempre que seu esposo desejasse procriar (Parker, 1991).

O estabelecimento dessa “moral dupla” resultou na rígida diferenciação entre homens e mulheres, “macho” e “fêmea”, masculinidade e feminilidade. Nesta visão de mundo, o conjunto social era dividido, então, entre atividades nobres (destinadas aos homens) e atividades de menor valor (destinadas às mulheres) mantida, principalmente, pelo uso de diferentes formas de violência (Bourdieu, 2005). Este modo de entender o mundo instituiu o falo como símbolo de poder, usando uma justificativa biológica arbitrária para fundamentar a aparente “natural” divisão sexual do trabalho e demais atividades da vida cotidiana (Bourdieu, 2005; Parker, 1991; Welzer-Lang, 2001).

No começo da vida, de maneira geral, homens e mulheres estão cercados por um mundo essencialmente feminino. A medida que os meninos crescem e buscam estar entre seus pares do mesmo sexo a aprendizagem e reprodução dos modelos sexuais dependerá da participação dos mais velhos, agindo como reguladores e balizadores do acesso à virilidade.

Ligado à urgência biológica do corpo, há o desejo de dar satisfação às demandas sociais de mostrar-se homem, em consonância com as expectativas sociais ancoradas na masculinidade hegemônica. A garantia e legitimação à passagem ao novo status só se dá através do reconhecimento dos pares pertencentes a esse grupo (Heilborn, 1999).

Este processo de aprendizagem pela interação com outros homens passa, muitas vezes, pelas excitações grupais (envolvendo, algumas vezes, maratonas de masturbação em grupo) e se opera pela aceitação das regras estabelecidas pelos mais experientes, respeitando seus códigos e ritos (Welzer-Lang, 2001). Nesses grupos, são incorporados signos que demarcam o que é necessário ser e fazer para se tornar um “verdadeiro” homem.

De maneira geral, este processo de aprendizado é perpassado por momentos de altas doses de cerceamento e sofrimento, uma vez que no seu caminho ao direito de estar entre os homens, há a vivência da violência contra si (suportar, por exemplo, a dor física ou psicológica sem lamentações) e uma luta “amigável” contra seus pares (homens) e “os outros” (mulheres e homossexuais) excluindo sempre a manifestação de afetos e emoções, entendidos como fraqueza. Logo, a educação dos homens é baseada no mimetismo de violências, pautada pela guerra contra seus próprios corpos e, depois, contra os outros (Junqueira, 2009; Welzer-Lang, 2001).

Nessa direção, quando os meninos começam a se afastar de seu primeiro universo de referência – essencialmente de cuidados maternos/femininos – a não associação e rejeição a aspectos femininos se torna central no processo de construção da identidade masculina hegemônica (Welzer-Lang, 2001). A relação entre os homens é, assim, marcada pela hierarquização das relações entre homens e mulheres, onde os lugares de atividade são socialmente destinados aos homens e os de passividade às mulheres.

Nessa lógica cultural, os homens são constantemente reclamados a demonstrar seu poder ativo, a fim de não serem classificados como dominados. Sua virilidade se afirma por

meio da violência física, insultos, humilhações e mecanismos psicológicos voltados a reforçar suas identidades sociais masculinas e, principalmente, sua potência sexual. O ato sexual é concebido, portanto, como uma forma de dominação e “os rapazes tendem a ‘compartimentar’ a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo” (Bourdieu, 2005, p. 30). Nesse sentido, a relação sexual é vivenciada como uma relação social de dominação e disto decorre a ideia do paradigma naturalista da dominação masculina (Bourdieu, 2005; Welzer-Lang, 2001).

É na linguagem do cotidiano que a reprodução das relações tradicionais de gênero são primeiramente construídas. Segundo Madureira (2010), o conceito de gênero corresponde à uma categoria interdisciplinar que enfatiza a dimensão cultural nos processos envolvidos no tornar-se homem ou mulher. Este conceito é eminentemente relacional e político, articulando-se com as malhas de poder que atravessam as mais diversas instâncias sociais. O caráter naturalista desta distinção baseada nas diferenças físicas do corpo é superado pelos novos significados que o pênis e a vagina assumem dentro de um conjunto particular de valores culturais. Esta reprodução, como visto, implica no uso de violência física, sexual e moral entre homens e mulheres, marcando as relações hierárquicas de poder (Welzer-Lang, 2001; Madureira, 2010).

Como mencionado, faz parte do desenvolvimento da sexualidade masculina, muitas vezes, as excitações sexuais coletivas e, algumas vezes, estas excitações acontecem pela pornografia vista em grupo. Cabe analisar, então, o papel desempenhado pela pornografia como veículo socializador das práticas sexuais e suas implicações na disseminação e perpetuação das relações hierárquicas de gênero.

## 1.2 Pornografia: as imagens e sua linguagem

Como afirma Le Breton (2016), em sua obra “Antropologia dos Sentidos”, a visão é o sentido mais requisitado na nossa relação com o mundo. Quando nasce, muito antes de aprender a falar, a criança tudo vê – basta que abra os olhos. A habilidade de ver é uma aprendizagem, pois permite que a criança vá tomando conhecimento de seu próprio tamanho, do contorno e tamanho das coisas, das cores, texturas, sua distância, seu lugar, identificar o que está ao seu redor e evitar possíveis obstáculos. “A visão passa a ser uma orientação essencial. (...) Urge-lhe adquirir os códigos do ver para desemaranhar o mundo em toda a sua evidência” (Le Breton, 2016, p. 84).

Por ser um sentido tão usado por nós, que nos conecta com a realidade de uma maneira tão íntima, é dada à visão um carácter de veracidade: “ver para crer”, como se a verdade pudesse estar ali à distância de um olhar. É comum escutar a expressão “fulano só pode estar cego para não perceber tal situação”, “beltrana está cega de amor (ou de raiva)”, como se a cegueira tapasse toda a lucidez de uma dada realidade aparentemente óbvia. No entanto, o sentido da visão carrega em si certa ingenuidade, já que está aprisionada às aparências. “O olho vê ao pé da letra e por isso mesmo precisa dos outros sentidos para que possa ser completo, compartilhando com o tato a virtude de examinar a realidade das coisas (...) Ver é o caminho necessário do reconhecimento” (Le Breton, 2016, p. 70).

Ver não é um ato indolente, mas sim um ato ativo, um registro do olhar!

Poder ambíguo, ele entrega simbolicamente aquele que é seu objeto, mesmo se o ignora. Ele é uma tomada de poder, já que cumula a distância e captura, ele é imaterial e mesmo assim age, já que põe a descoberto. Tateia-se com o olhar, eles apalpam os objetos sobre os quais repousam. Ter os olhos pousados sobre alguém é uma maneira

de fisga-lo para não deixá-lo escapar (Le Breton, 2016, p. 75).

Mas, de maneira mais generalista, sob o que repousam-se os olhos? A resposta mais simples seria: imagens. Há vários tipos de imagem: televisiva, cinematográfica, fotográfica ou digital. Para além disso, o termo ‘imagem’ passou a designar mais do que apenas o que os olhos podem ver, mas também tornou-se sinônimo de representação. A nossa visão é condicionada pela interpretação que a acompanha. A interpretação da imagem é a relação dos enunciados que ela contém e da interpretação de um espectador, que seleciona os elementos da imagem que lhe permitem vê-la como quer ver; ou seja, isto implica que tais elementos possam desempenhar o papel que aquele espectador deseja. É nesse sentido que há uma relação entre a imagem e seu espectador, perpassada sempre por seus processos de significação (Gardies, 2006).

Tais processos de significação envolvem toda uma pluralidade dinâmica entre signos verbais e visuais (Madureira, 2016) e o potencial analítico da imagem ganha destaque pela certa objetividade que traduz seus significados e contextos, uma vez que a imagem está dada (supostamente) como ela é. Porém, certa objetividade não significa imparcialidade, já que as imagens (estáticas ou fílmicas), como forma de representação dos signos sociais, são orientadas ideológica e politicamente (Santana, 2016).

Nesse sentido, Loponte (2002) aponta a estreita conexão que há entre visão e poder. As imagens, enquanto práticas discursivas, têm efeitos produtivos sobre os sujeitos. “O ato de ver – que envolve o que selecionamos pra ver e como vemos – produz efeitos sobre os sujeitos, produz relações de poder, muitas vezes, de forma sutil e sedutora” (Loponte, 2002, p. 290). Para a autora, que se baseia em Foucault, o poder está presente em toda parte e sendo as artes visuais um campo de disputas, conflitos, discontinuidades e multiplicidade de discursos, as relações de poder também perpassam o campo das artes visuais.

Sendo as artes visuais dedicadas à ao ver, visão e cultura estão visceralmente conectados, permeando e delineando os contornos das características de seu tempo. Além disso, a cultura é agente transformador dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, tendo por intermediadores as redes de significados que abrangem, entre outras coisas, as categorizações de gênero (Heilborn, 1999).

Sendo a pornografia dedicada à visão, historicamente tem sido entendida, por algumas vertentes de estudo, como importante veículo disseminador e perpetuador das desigualdades entre homens e mulheres. De acordo com D'Abreu (2013), a pornografia reafirma a ideia da busca insaciável dos homens por sexo (o que o autor chamou de “urgência biológica”) e a pretensa ideia da prontidão feminina ao engajamento sexual com desconhecidos, sendo usadas para satisfazer os desejos masculinos.

Ademais, como salienta Díaz-Benítez (2010), a imagem e a linguagem pornográfica têm características muito próprias que, justamente, dão os contornos particulares deste gênero imagético. Apontada como a estética do exagero, a imagem pornô tem uma verdadeira “tara” em representar o mais detalhada e exageradamente possível o ato sexual e as genitálias envolvidas.

Há ainda que ressaltar a intencionalidade em causar efeito no espectador (seja pelos sons, uso das palavras ou o olhar da atriz para a câmera) e tal efeito, deliberadamente calculado, deixa ainda mais claro o poder pedagógico desta linguagem, assim como a íntima relação entre o discurso do público e de quem produz tais vídeos e/ou filmes. Porque, na realidade, não há uma distinção exata e clara entre demanda e oferta, sendo ambas retroalimentáveis.

Além das imagens, o som também é importante componente dentro do repertório pornô, tendo como propósito incrementar o efeito de sedução e excitação. As palavras devem exprimir a intensidade dos desejos e prazeres. Quanto mais explícitas forem, maior será o seu

potencial de provocar efeito. Da mesma forma, o uso de músicas e/ou efeitos sonoros é feito para auxiliar na construção do ritmo das cenas (Díaz-Benítez, 2010; Miranda, 2016).

Este “gerar efeito” pode colaborar para um olhar mais naturalizado em relação às práticas violentas, perigosas e preconceituosas. O efeito pode tornar-se ordinário, banal e, desse modo, perder sua qualidade de novidade e espanto. Portanto, excitados por um lado e anestesiados por outro, os espectadores podem apresentar maior aceitação de filmes e/ou vídeos que contenham situações de violência com as atrizes envolvidas, tornando-se, dessa forma, cúmplices do desejo e do perigo.

Aliado à essa cumplicidade há um fator subjacente que merece destaque: a resistência simbólica. Entende-se por resistência simbólica o ato de negar o sexo, mas comportar-se como se verdadeiramente o quisesse. “Em cenas em que a mulher é submetida a atos sexuais coercivos, ela raramente vocaliza desconforto, mas ao final, responde com aceitação e deleite” (D’Abreu, 2013, p. 593).

Estudos mostraram que nas cenas de vídeos e filmes pornográficos que retratam resistência simbólica, há um aumento da aceitação do mito do estupro. Por mito do estupro entende-se como crenças falsas, estereotipadas e preconceituosas sobre as vítimas e os agressores. Tais crenças se relacionam aos estereótipos de gênero e à maior tolerância ou aceitação da violência sexual contra mulheres. Estes mitos colaboram para reforçar o paradigma naturalista da dominação masculina, sendo usados para justificar a agressão cometida e culpabilizar a vítima (D’Abreu, 2013; Scarpati, Guerra & Duarte, 2014).

Em Setembro do ano de 2016, o Instituto de Pesquisa Datafolha divulgou uma pesquisa intitulada “Percepção sobre violência sexual e atendimento a mulheres vítimas nas instituições policiais” trazendo dados alarmantes sobre o contexto da violência sexual no Brasil.

A pesquisa revelou que um em cada três homens considera as próprias mulheres

vítimas de agressão sexual como responsáveis por não se comportarem de acordo com uma “mulher respeitável”. A perpetuação da ideia de controle do comportamento e do corpo das mulheres faz com que a violência sexual possa ser tolerada (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016).

Do total de homens entrevistados, 42% concordam com a ideia de que a culpa por um estupro (ou violação sexual) é menos dos perpetradores do que das vítimas (Fórum de Segurança Pública, 2016). Este pensamento está arraigado no discurso socialmente construído que entende a mulher a partir de dois panoramas basicamente: a mulher correta, que conseqüentemente não dá motivos para investidas não consentidas; e a mulher “provocante”, que instiga os “instintos naturais” dos homens e que, portanto, não podem ser culpados ao não conseguirem controlá-los.

Outro fenômeno de suma importância dentro da estética sexual preconizada pelo pornô é a ejaculação masculina. É através do sêmen que a pornografia produz suas proposições de gênero e apenas aqueles sujeitos colocados no lugar associado ao feminino é que podem receber ou ter qualquer tipo de contato corporal com ele. Sua forma mais usual dentro dos vídeos pornográficos é a chamada *money shot* (ejaculação do lado de fora em alguma parte do corpo da outra pessoa ou para a câmera).

Abreu (2012), D’Abreu (2013), Díaz-Benítez (2010), Santana (2016) e Veiga (2015) apontam que, via de regra, o ponto alto das cenas pornográficas é o gozo masculino, tornando-o, juntamente com o pênis, a verdade máxima do prazer sexual dentro deste repertório. A lógica pornô está voltada para o deleite masculino e na exposição de seus prazeres. A esse fenômeno, D’Abreu (2013) atribuiu o nome de “culto ao sêmen”, enquanto confissão máxima da verdade e do sucesso do ato sexual. É através da ejaculação masculina que se outorga o valor de espetáculo e cumpre-se o propósito ao que verdadeiramente se destina o filme e/ou vídeo pornográfico: a concretização do poder falocêntrico.

Em contrapartida, a mulher, apesar de ser o centro corporificado das cenas, não figura como detentora de poder. Ao contrário, seu orgasmo geralmente permanece invisível, sendo relegado aos gemidos, sons e palavras que expressem seu suposto acontecimento. Embora as atrizes aprendam técnicas para “dar a ver” o seu aparente ápice do prazer – o que pode permanecer um verdadeiro enigma – a imagem *hardcore* não se preocupa em evidenciar esse momento específico. (Abreu, 2012; Díaz-Benítez, 2010; Santana, 2016; Veiga, 2015).

A autora Díaz-Benítez (2010) ressalta em seu livro “Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro” que há atrizes que conseguem expelir seu gozo no momento do orgasmo, tal qual a ejaculação. Porém, este fenômeno é encarado com embaraço por parte dessas atrizes. A autora apresenta três possíveis respostas a isto, uma delas sendo: “muitas atrizes manifestam fazer pornô básica ou exclusivamente por dinheiro. Sendo assim, a ejaculação, que é uma demonstração objetiva e real de prazer, evidenciaria uma contradição” (Díaz-Benítez, 2010, p. 144). Este fato atesta o “não-lugar”, a não legitimação do prazer e orgasmo feminino, especialmente quando as forças do capital estão presentes.

Tal contradição é apenas um exemplo das inúmeras que se fazem presentes dentro do discurso pornográfico. Além disso, outros fatores também agem de forma sutil e eficaz. São fatores que pelo seu teor dúbio, abrem ainda mais espaços para a persistência de práticas discriminatórias nas relações de gênero.

### **1.3 O Paradoxo Pornográfico**

De maneira geral, como aponta Scott (1989), um dos elementos que constitui o gênero são os símbolos culturalmente disponíveis, que, muitas vezes, evocam representações contraditórias. A autora traz as imagens de Eva e Maria, símbolos da mulher, como exemplos dessa contradição. Se por um lado há o exemplo de pureza e castidade a ser seguido, há o

pecado original que todas as mulheres carregam, personificados por Maria e Eva, respectivamente.

Secularmente há então a possibilidade para a mulher habitar dois lugares opostos: a santidade ou o pecado. Aqui não será discutida, de forma aprofundada, as consequências de habitar uma dessas extremidades, ou mesmo o meio, do lugar outorgado à “mulher para casar” ou da “mulher da vida”. No entanto, é na noção de contradição entre o puro e o impuro, o privado e o público, o aceito e o rejeitado que a pornografia tem seu alicerce. Como lugar de apreensão e vivência da sexualidade e questões de gênero, desde sua origem carrega em si diversas contradições, constituindo assim seu carácter paradoxal.

Em relação ao feminino, Bourdieu (2005) pontua como a vagina é tratada ao mesmo tempo como fetiche, sagrado, segredo e tabu e é por estas visões contraditórias que o comércio do sexo ainda é estigmatizado, excluindo a possibilidade de mulheres exercerem sua sexualidade com fins financeiros. Retomando a questão da construção da masculinidade hegemônica no período colonial do Brasil, foi explicitado o dualismo da vida sexual dos homens que tinham suas esposas, mas também suas concubinas<sup>3</sup>. Nesse sentido, exemplifica-se o que Scott (1989) aborda como possibilidade de papéis tradicionais para a mulher: a mulher “de casa” e a mulher “da rua”.

Outra contradição presente está na tensão entre o prazer e o perigo nos discursos pornográficos. Levando em consideração a importante presença do rechaço ao feminino e o uso da violência para afirmação do masculino, a presença do perigo justifica-se porque comportamentos agressivos e abusivos são fenômenos insistentemente constatados na maior parte das práticas sexuais observadas em cenas pornográficas (D’Abreu, 2013); e justifica-se o prazer porque há a promessa em transgredir as restrições impostas à sexualidade feminina (Veiga, 2015). Prazer e perigo estão, portanto, em constante tensão, sobretudo dentro da ótica pornográfica *mainstream*.

No início de sua história, a pornografia existia apenas em formato de filmes veiculados em salas cinematográficas. O cinema tem por característica básica ser fundamentalmente ficcional, envolvendo um grande número de registros perceptivos em torno de objetos que não estão presentes de fato – acredita-se na presença do objeto a despeito de sua ausência. Portanto, o cinema opera mais no campo da fantasia do que no campo da realidade concreta, remetendo-se ao imaginário de maneira especialmente profunda (Abreu, 2012). Uma vez que o que está em jogo para a ficção é conquistar o status de realidade por meio da plausibilidade do que está ocorrendo, a grande charada da imagem explícita é alcançar tal status sem que nenhum trabalho ficcional precise ser realizado para conquistá-lo.

Desse modo, pode-se dizer que o pornô, ao situar seu campo de operações (no sentido do investimento que requer de seus atores e espectadores) nos limites entre a representação e a realidade, oscilando entre os parâmetros do realismo/factual e do ficcional/fantasia, instala mais uma ambiguidade (ou ambivalência): ele necessita de ambos (Abreu, 2012, p. 139).

Mesmo que nos dias de hoje a veiculação mais comum da pornografia *hardcore mainstream* seja por vídeos na internet, estes seguem a mesma lógica: apesar de um dos principais detonadores simbólicos do pornô ser a encenação de fantasias e o exagero que transpõe a ideia de um sexo ordinário, ainda assim a pornografia enquadra-se na estética do realismo. O *close* e a exibição dos detalhes dão os contornos dessa desejada aproximação com o real, de maneira que a identificação projetiva do espectador possa ocorrer sem grandes entraves. Tudo é grandioso e supervalorizado dentro de uma veracidade por parte de quem assiste a pornografia e, para que seja possível a existência da imaginação pornográfica e seus produtos, é necessário que os espectadores estejam sempre disponíveis para funcionarem como máquinas de prazer (Abreu, 2012; Díaz-Benítez, 2010; Santana, 2016; Veiga, 2015).

Estimulados constantemente pelo toque fantasioso da realidade sexual da pornografia,

os limites entre o que se vê (e o que se imagina) e o que se faz, ficam mais delicados. Dessa maneira, a contradição entre o desejar pode instalar-se, haja vista que não é a própria pessoa que ativamente realiza seus desejos e fantasias, mas sim indivíduos encenando “realidades imaginárias”. Sob essa perspectiva é que se reforça o entendimento do lugar extremamente vulnerável que a atriz pornô ocupa. Ela ocupa, simbolicamente, a posição de Eva, pecadora, que troca seu corpo por dinheiro e que, por isso, não é mais sujeito. É apenas um veículo para o gozo masculino e que, por isso, pode suportar qualquer tipo de ação que vise a maximização da excitação e do prazer.

Sob essa perspectiva é aí que se une a força das imagens, do sistema patriarcal heteronormativo, dos mecanismos de socialização da sexualidade masculina e das desigualdades de gênero – todas presentes nos vídeos pornográficos – agindo conjuntamente na persistência de atitudes preconceituosas e práticas discriminatórias.

É a partir da discussão teórica anteriormente apresentada, que consideramos a relevância acadêmica de pesquisas empíricas sobre as possíveis implicações do consumo de material pornográfico (mais precisamente: filmes e vídeos) sobre as formas como as pessoas atribuem significados aos seus desejos e experiências no campo da sexualidade.

Além disso, há ainda um agravante a mais nessa relação: a revolução digital que possibilitou acessos mais abrangentes e rápidos a todo tipo de conteúdo. Esta pulverização de signos visuais e verbais foi o que permitiu à pornografia ser hoje uma das principais mídias de massa do mundo. E, se antes já havia um alto potencial de manutenção e difusão da ordem patriarcal heteronormativa, agora com a sua existência em qualquer dispositivo que tenha acesso à internet, seu impacto toma outras proporções. O corpo e seus prazeres tornam-se, de uma vez por todas, produtos mercantilizados.

## 2. Metodologia

Na direção contrária à perspectiva epistemológica positivista – marcada pelo pensamento cartesiano, onde causa e efeito teriam uma linearidade direta e haveria uma separação radical entre sujeito e objeto de pesquisa – a epistemologia com desenho qualitativo entende a realidade como algo complexo, multideterminado, multifacetado e considera o papel fundamental da cultura no desenvolvimento humano (Madureira & Branco, 2001).

No entanto, é preciso ter em mente que considerar os vários fatores que agem sobre determinado fenômeno não é apenas tratá-los como forças externas que atuam independentes umas das outras. Ao contrário, a perspectiva qualitativa não se preocupa em “colocar cada coisa no seu lugar”, mas sim de compreender e interpretar, de forma aprofundada, as produções humanas a partir de suas relações, representações e intencionalidades.

Trata-se de uma abordagem dialética que propõe, portanto, articular a análise das representações sociais, como por exemplo as relações sociais de dominação e contextos históricos do fenômeno em questão, ressaltando a compreensão dos processos identitários como complexos, dotados de diferenças internas e incongruências, singulares e dentro de um determinado contexto histórico (Minayo, 2007).

A ênfase no contexto histórico é importante, pois cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço, organizando-se singularmente às outras. Porém, grande parte das sociedades de um mesmo período histórico têm alguns traços em comum, dado o grande influxo de trocas em termos de comunicação e informações no contexto do atual mundo globalizado (Minayo, 2007).

Considerando que “a cultura coletiva é um sistema complexo que, a partir da tensão dialética entre estabilidade e mudança, passa por transformações e traz, também, as marcas

do passado” (Madureira & Branco, 2005 citadas por Madureira, 2010, p. 34), entende-se o caráter provisório e dinâmico das sociedades, bem como de seus fenômenos. Sendo assim, seria incorreto que pesquisas desenvolvidas qualitativamente se ocupassem em estabelecer leis rígidas e universais.

Então, escolher o prisma da pesquisa qualitativa para responder à alguma questão é buscar esmiuçar as atribuições específicas que o(s) indivíduo(s) dão ao fenômeno investigado. Para tanto, é preciso uma maneira de “acessar este universo particular” do(s) participante(s) e, no caso das pesquisas de cunho qualitativo, a entrevista se faz ferramenta importante para tal empreitada.

Outro ponto de destaque é a compreensão da relação pesquisador e realidade, que apresenta implicações no que se refere ao método utilizado e seus procedimentos. Na compreensão positivista a coleta de dados suscita a noção de que haja uma relação isomórfica, especular entre o fenômeno estudado e os dados empíricos (Madureira e Branco, 2001). Ou seja, os dados coletados “refletem” uma realidade externa ao investigador. Nesse sentido, o empirismo (que está na base da perspectiva epistemológica positivista) ganha força, sendo o que pode ser observável considerado o maior critério para a produção de conhecimentos válidos cientificamente, diminuindo drasticamente o papel ativo do/a pesquisador/a no processo de construção do conhecimento (Madureira e Branco, 2001).

Coerente com uma epistemologia qualitativa, o empírico não é considerado como momento último de legitimação (verificação) de hipóteses rigidamente delimitadas, mas sim como um dos momentos da pesquisa que adquire sentido e relevância a partir de uma perspectiva epistemológica, de um marco teórico, das perguntas e questionamentos levantados pelo pesquisador. Portanto a produção empírica e teórica se encontram indissociavelmente interligadas (Madureira e Branco, 2001, pp. 68-69).

Assim, quem o/a pesquisador/a é (suas intuições, história e contexto de vida) faz parte do contexto de investigação-criação. É a partir também do olhar de quem faz a pesquisa que ela toma corpo e se realiza, sendo sempre fruto de uma (ou várias) relação(ões).

Entretanto, não pode haver nenhum fenômeno ou “problema de pesquisa” que não seja, em primeiro lugar, um problema da vida prática. “As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos” (Minayo, 2007, p. 16).

Portanto, o valor científico desta pesquisa não está vinculado à quantidade de participantes, mas sim à riqueza da construção de saberes e à profundidade das análises e interpretações que a pesquisa qualitativa proporciona, tendo as pessoas envolvidas um maior vínculo afetivo com o problema investigado.

É de se notar que a pornografia e seus desdobramentos, enquanto fenômenos sociais, podem ser entendidos como “um problema da vida prática”. E, como objetos de estudo desta pesquisa, são “destrinchadamente” investigados sob o ponto de vista dos/as participantes desta pesquisa, bem como da pesquisadora.

## **2.1 Participantes**

Esta pesquisa tem como participantes quatro pessoas, sendo duas mulheres e dois homens, todos dentro do critério de idade estabelecido (entre 18 e 40 anos), cursando o ensino superior e que já tivessem assistido produções audiovisuais de conteúdo pornográfico. A seleção foi realizada via rede social da pesquisadora assistente, não havendo nenhuma ligação com alguma instituição específica. São apresentados na Tabela 1 alguns dados

sociodemográficos dos/as participantes, considerando sua idade, orientação sexual e curso de ensino superior. Por questões éticas, os nomes apresentados para referir-se aos/às participantes são fictícios.

Tabela 1

*Informações sobre participantes da pesquisa*

<b>Nome fictício</b>	<b>Idade</b>	<b>Orientação Sexual</b>	<b>Curso de E.S</b>
Bianca	19	Bissexual	Direito
Fabiana	28	Bissexual	Gastronomia
Josué	21	Heterossexual	Publicidade
Arnaldo	30	Heterossexual	Direito

## **2.2 Materiais e instrumentos**

Nesta pesquisa, foram utilizados os seguintes materiais: um gravador de áudio, um notebook para apresentação das imagens previamente selecionadas (Anexo A), um roteiro de entrevista impresso (Anexo B) e duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C), ficando uma das vias assinadas com a pesquisadora assistente a outra com o/a participante.

O roteiro de entrevista semiestruturada, de forma integrada ao conjunto de imagens previamente selecionadas foram os instrumentos utilizados para realização da pesquisa. Os custos referentes à realização da pesquisa foram inteiramente de responsabilidade da pesquisadora assistente.

### 2.3 Procedimentos de construção de informações

Logo após receber o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, a pesquisa foi divulgada via celular com seus objetivos e perfil de participantes e, assim, estabelecido contato com os/as pessoas que demonstraram interesse em colaborar. Os dias, locais e horários foram agendados de acordo com a conveniência e disponibilidade de cada participante. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente seguindo um roteiro semiestruturado de perguntas. No entanto, este tipo de roteiro permite que novas perguntas possam ser feitas ao longo da entrevista, caso a necessidade se apresente. Dessa maneira, há a possibilidade de explorar melhor as respostas dos/as participantes permitindo uma compreensão mais aprofundada sobre o fenômeno investigado.

Antes de iniciar a entrevista propriamente dita, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos/às participantes e em caso de concordância com as informações apresentadas, assinadas as duas vias do mesmo. Após a finalização desta etapa, dava-se início à gravação em áudio da entrevista.

É importante frisar que todos/as os/as participantes tiveram suas identidades pessoais preservadas, de maneira que trechos que pudessem identificá-los/as foram alterados ou omitidos para assegurar seu caráter de anonimato.

Por fim, consta na lista de anexos a aprovação formalizada do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP UniCEUB) referente à presente pesquisa (Anexo D).

Ao todo foram realizadas seis entrevistas. Entretanto, apenas quatro foram efetivamente transcritas e analisadas devido à uma intercorrência operacional durante a realização da pesquisa.

## 2.4 Procedimentos de análise

É importante ressaltar que a análise e interpretação das informações construídas na pesquisa de campo não se trata da pura reprodução de opiniões individuais dos/as participantes. Para além disso, a perspectiva da pesquisa qualitativa busca “verticalizar” a discussão sobre este conjunto de opiniões e representações sociais, ou seja, produzir análises aprofundadas sobre os significados atribuídos pelos/as participantes em relação ao tema investigado (Madureira & Branco, 2001).

Tendo finalizada as transcrições das entrevistas, foram selecionados trechos significativos das mesmas, levando em conta o objetivo geral e objetivos específicos da pesquisa. Em seguida, em conjunto com a professora orientadora, foram elaboradas categorias analíticas temáticas, articulando o referencial teórico às informações produzidas no decorrer das entrevistas. Foram construídas três categorias de análise de conteúdo temáticas: (1) pornografia, estereótipos de gênero e sexualidade; (2) sobre as imagens apresentadas: aparência corporal, gênero e sexualidade e (3) a qualidade pedagógica da pornografia em discussão.

### **3. Resultados e Discussão**

Nesta seção serão apresentados e discutidos os resultados mais expressivos, construídos no espaço dialógico das entrevistas, com base nas categorias analíticas temáticas mencionadas na seção anterior. Após a realização das entrevistas semiestruturadas, a pesquisadora pôde ter acesso a informações significativas a respeito das questões tratadas, tais como estereótipos de gênero, papel da pornografia nas suas histórias de vida e em que medida acreditam sofrer (ou ter) sofrido uma influência decisiva da pornografia na maneira que vivenciam sua sexualidade. É importante ressaltar que esses resultados são produto de uma co-construção entre os/as entrevistados/as e a pesquisadora durante as entrevistas.

#### **3.1 Pornografia, estereótipos de gênero e sexualidade**

Tratar de estereótipos é, basicamente, tratar de preconceitos, pois os estereótipos funcionam, muitas vezes, como base para os preconceitos (Madureira & Branco, 2012). De acordo com Madureira e Branco (2012), preconceitos são limites inflexíveis estabelecidos entre grupos sociais e indivíduos, com forte enraizamento afetivo e historicamente produzidos. Dessa maneira, estabelece-se uma fronteira de difícil transposição entre indivíduos e grupos que encontram-se em “lados opostos”. Um exemplo significativo de fronteiras simbólicas rígidas seria o conceito de machismo, ou então, de maneira mais ampla, o patriarcado.

De acordo com Borges *et al.* (2013), o patriarcado é entendido como uma categoria específica de determinado período, a saber: os seis ou sete últimos milênios da história da humanidade. Logo, o patriarcado é ele mesmo a própria sociedade, posto que é identificada, dominada e centrada na primazia masculina.

Embora o patriarcado abranja aspectos para além do machismo, não é possível pensar um destacado do outro. Sociedades patriarcais são sociedades eminentemente machistas. Portanto, quando se fala de filmes/vídeos e a reprodução do machismo, se fala das relações desiguais de poder entre homens e mulheres, entendendo a dimensão política que tal desigualdade abarca.

Tratar sobre o machismo ou feminismo nos dias atuais tomou outros contornos. Nos últimos anos, tem-se visto um aumento considerável de discussões sobre questões de gênero, práticas, preconceitos e novas visões acerca do que entende-se por ser homem e ser mulher nas sociedades ocidentais. Tanto em ambientes privados (rodas de conversa informais entre familiares ou amigos), quanto em ambientes públicos (conferências nacionais e internacionais, discussões acadêmicas, criação de políticas públicas, redes sociais), o que se nota é uma mudança – mesmo que superficialmente – na direção dos discursos sobre gênero, caminhando em um sentido de maior abertura para o debate e, conseqüentemente, para a reflexão.

No entanto, apesar da notável mudança, há ainda uma acentuada presença dos ideais patriarcais heteronormativos no mundo ocidental. Observou-se que houve, de maneira unânime por parte dos/as participantes, o entendimento de que a pornografia é um forte mecanismo de reprodução e perpetuação do que entende-se por machismo. Nesse sentido, quando questionada sobre como homens e mulheres são representados dentro da indústria pornográfica *mainstream*, Bianca afirma: “*ah, eu acho que de uma forma bem machista mesmo, como se os homens fossem bem superiores mesmo [...] por ter toda essa objetificação da mulher*”.

O participante Josué corrobora tal afirmação quando diz: “*é esquisito, porque eu acho que a mulher é muito objetificada nos vídeos. Ela é tipo uma ferramenta do prazer masculino. Tanto que na maioria das vezes ela é muito submissa e tal [...] Tem muita, muita*

*diferença de poder*”. O participante Arnaldo também comenta sobre a questão do lugar de subjugação que a mulher ocupa e do fortalecimento e estabelecimento deste tipo de relação nas produções pornográficas: *“eu vi que os filmes mudaram muito. Sei lá, eu estou com trinta anos, assisto desde os meus doze, então isso dá quase vinte anos. Então tá muito mais agressivo. A questão de subjugar o corpo da mulher”*.

Sobre a primazia masculina, a participante Fabiana pontua, em tom de crítica, as diferenças nos processos de socialização, instrução e incentivo da vida sexual para homens e mulheres, das implicações que isto tem e de onde a pornografia se situa no meio disso:

*“O homem tem que perder a virgindade cedo porque ele tem que ser bom de cama, ele tem que ter muitas experiências. A mulher tem que guardar a virgindade até o final porque ela tem se entregar para aquela pessoa especial. Então, eu acho que esse mercado ele é bem direcionado para o prazer masculino. E aí existe essa questão social, que foge ao sexo, de dominação. A gente vive em uma sociedade muito machista, que o homem se sente muito dono da mulher também fora do âmbito sexual. Então assim, tem essa coisa de relação de poder no sexo, sabe? Eu enxergo dessa maneira dentro dessa indústria pornográfica”*.

Como mencionado previamente, duas problemáticas muito relevantes são a da resistência simbólica e a do mito do estupro. Em referência a isso, o participante Arnaldo trouxe a percepção de que ao longo de quase vinte anos assistindo filmes e vídeos pornográficos, ele percebeu um aumento do uso de violência em relação às atrizes e de como esta violência torna os vídeos mais populares. *“A mulher não tem mais esse espaço, ela é tratada com um objeto e pronto, não tem discussão. Os vídeos que vendem mesmo, quanto mais agressivo, mais interessante”*.

Lembrando que a resistência simbólica é a falsa ideia de que a mulher, em verdade, quer o engajamento sexual, mas age como se não o quisesse, o que acaba por endossar a questão do mito do estupro. Assim sendo, pode-se inferir que, ao longo do tempo, essas duas problemáticas, além de serem reforçadas, foram ampliadas, haja vista a percepção do aumento no nível de agressividade para com as atrizes pornô e, como consequência, também uma maior popularidade e aceitação de tais condutas.

Outro fator que ganhou destaque nas falas dos/as participantes foi a já abordada espetacularidade do pornô. Sobre isso, a fala de Josué “*tudo é gigante, então as mulheres com peito enorme e os caras com os pintos gigantes e eles duram horas, né?*” está em sintonia com o entendimento de que a imagem e a linguagem pornográfica têm características muito próprias que, justamente, dão os contornos particulares deste gênero imagético. Apontada como a estética do exagero, a imagem pornô tem uma verdadeira “tara” em representar o mais detalhadamente possível o ato sexual e as genitálias envolvidas.

Pautada na lógica do espetacular, seu valor estético é construído a partir da combinação do exagero e do realismo, trazendo a ideia de um hiper-realismo – seja da duração das transas, do tempo e qualidade da ereção do pênis, da elasticidade tanto dos orifícios penetrados, como dos corpos envolvidos e do tamanho das genitálias – e, a partir disso, os performers aprendem as técnicas necessárias para expor atos sexuais extraordinários com o intuito de transmitir a espetacularidade do pornô (Abreu, 2012; Díaz-Benítez, 2010).

Além disso, o gestual mormente utilizado na linguagem pornográfica procura, intencionalmente *fazer gênero*. “No pornô heterossexual, talvez como em nenhum outro, os sujeitos fazem o uso repetidamente de signos corporais que colocam em cena marcas e estruturas normativas binárias de gênero e das relações sexuais” (Díaz-Benítez, 2010, p. 85). O participante Josué comenta “*eu acho o gemido da mulher muito forçado, é sempre uma coisa muito alta*”. Percebe-se aí um exemplo desse *fazer gênero* na medida em que o gemido

é uma maneira de demonstrar o prazer feminino, que ratifica o sucesso do desempenho sexual masculino. O rosto e sons do ator são, de maneira geral, omitidos das cenas ou de seus *closes*.

Então, em confluência com as discussões desenvolvidas por Borges *et al* (2013), Louro (2008) e Madureira (2016), a construção do gênero e da sexualidade está notoriamente vinculada ao que é socialmente esperado de homens e mulheres, traduzidos, também, de maneira acentuada na linguagem pornográfica, como foi evidenciado nas entrevistas realizadas.

Um outro ponto importante levantado tanto por Fabiana, quanto por Arnaldo, é a grande presença de filmes e vídeos nos quais as atrizes são muito jovens ou são preparadas (figurino e maquiagem) e recebem orientação para parecerem mais jovens, assumindo posturas infantilizadas. Nesse sentido, Arnaldo comenta: *“parece que a cada tempo que passa, o símbolo que eles querem passar é a mulher cada vez mais jovem. Então eles estão chegando num nível, já chegaram na verdade, de simular relação com uma criança.”*

Filmes e vídeos que simulam sexo com pessoas menores de idade é, certamente, muito grave. Além de haver a sexualização e fetichização do corpo infantil, há um certo tipo de aval para tais práticas quando estas são realizadas com pessoas adultas, mas que “só” aparentam ser mais jovens. Isto abre brechas perigosas que podem trazer efeitos devastadores. Mais adiante será tratado da qualidade pedagógica da pornografia, suas implicações e desdobramentos. Entretanto, mesmo a problemática da pedofilia estando fora do escopo das discussões propostas neste trabalho, é de suma importância frisar que a pedofilia é um problema real, que deve ser denunciado e combatido com agilidade e veemência.

### 3.2 Sobre as imagens apresentadas: aparência corporal, gênero e sexualidade

Retomando a discussão desenvolvida por de Le Breton (2016), para tal autor ver não é um ato vazio de sentido. Não existe inocência no olhar. Tudo o que é visto carrega em si um significado construído na relação do mundo particular dos sujeitos com a coletividade cultural em que estão inseridos. Cada grupo humano vai ordenar simbolicamente o mundo à sua volta, tendo para isso a visão como um dos principais intermediadores deste contato indivíduo-mundo. Assim sendo, a respeito das imagens apresentadas, as respostas dos/as participantes estavam carregadas de suas histórias de vida e das relações que estabeleceram com as imagens ao longo de suas vidas.

Quando questionados se o terceiro conjunto de imagens (Anexo A) lhes causava algum sentimento, todos os participantes pontuaram sentir desconforto, especialmente em relação à imagem identificada como C2. Sobre ela, as falas dos participantes foram as seguintes:

Arnaldo: *“essa chama mais a atenção porque é a objetificação da mulher ao extremo né (...) a mão forma um cabresto e tem um dinheiro que atrai. Bem desconfortável”.*

Josué: *“É uma ilustração do que é a indústria pornográfica, né? Da mulher explorada por dinheiro. Eu achei ela bem chocante!”*

Fabiana: *“A ideia de uma mulher pelada sendo manipulada por um homem e estando em frente ao dinheiro e associar isso ao sexo, e essa mulher parecer ser bem infantil, isso dá uma sensação bem ruim ao ver, sabe?”*

Pode-se notar que há na fala dos participantes certo incômodo na associação da mão masculina que domina um rosto feminino em situação de submissão ao dinheiro à sua frente, que demonstra estar em contato com ela através da saliva representada.

Nesse sentido, cabe mencionar que Bourdieu (2005) discute os fundamentos da estigmatização do comércio do sexo, no qual o dinheiro está intimamente ligado à ideia de poder. E, evidentemente, à masculinidade, uma vez que é destinado socialmente aos homens o papel de provedor, aquele que tem o poder de suprir as necessidades do lar.

Ao fazer intervir o dinheiro, certo erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado de objetos e ao sacrilégio que consiste em transgredir a lei segundo a qual o corpo (como o sangue) não pode ser senão doado, em um ato de oferta inteiramente gratuito, que supõe a suspensão da violência (Bourdieu, 2005, p. 26).

Os participantes também foram questionados se identificavam-se com alguma das imagens apresentadas. Arnaldo disse se identificar com a imagem B1: *“me identifico com o do voyeur que observa a imagem, silhueta da mulher. Porque é uma postura de observador que não se envolve. Ele mantém certa distância”*.

A fala de Arnaldo está alinhada ao que Le Breton (2016) comenta sobre o homem contemporâneo: o olhar age à distância, não estando – aparentemente – em relação estreita com o mundo. Para o olhar *voyeurista* é como se a distância fosse eliminada, já que se satisfaz só pelo olhar. Porém, não se pode desconsiderar o fato de que olhar à distância é manter-se em certo abrigo e não sentir-se verdadeiramente implicado. Entretanto, todo expectador é sempre testemunha do que vê, não podendo ser por inteiro separado daquilo que observa. Berger (1980) destaca tal força do olhar, em sua discussão sobre as representações acerca da feminilidade e da masculinidade no campo das artes visuais, e ainda vai além:

Os homens olham para as mulheres. As mulheres veem-se a serem vistas. Isto determina não só a maioria das relações entre homens e mulheres como também as relações das mulheres consigo próprias. O vigilante da mulher dentro de si própria é masculino: a vigiada, feminina. Assim, a mulher transforma-se a si própria em objeto – e muito especialmente num objeto visual: uma visão.

Berger (1980) ainda analisa as diferenças na descrição de homens e mulheres, para além das diferenças anatômicas entre ambos, mas também, e especialmente, pela ideia de que o espectador *ideal* é o homem e à mulher cabe a função de “lisonjeá-lo” com a sua imagem, estando o corpo físico presente ou não. Em poucas palavras, o corpo feminino é transformado em objeto visual para a contemplação masculina.

No que diz respeito ao lugar que o corpo (ou sua imagem) ocupa, Novaes (2011) menciona como o corpo está à mercê dos signos que carrega, ultrapassando os limites de sua função biológica e funcionando como um forte agenciador das subjetividades contemporâneas. Sobre isso, pode-se destacar a fala de Fabiana:

*“Essa questão de na vida eu sempre ter passado por ganho e perda de peso e isso teve um impacto na minha vida de maneiras diferentes, sabe? Em relação a como eu fui desejada pelos outros, como a sociedade me vê. Então, assim, é difícil quebrar esse tabu de não querer ser magro, por exemplo, porque é uma coisa difícil para mim, que luto contra a balança [...]isso mexe com a nossa autoestima, é uma briga diária para gente, para nós mulheres gordas, nos sentirmos bem com nosso corpo. É muito difícil isso, é muito fora de um padrão estético associado a sexo, assim, sabe?”*

Vê-se, assim, a dimensão de regulação e controle das práticas corporais, ao se sublinhar o lugar que a beleza assume como valor social. “Em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo – sobretudo o feminino” (Novaes, 2011, p. 477). O corpo tornou-se o principal objeto de consumo do capitalismo atual. Assim, também é capital, tem valor de troca e obtém prestígio a partir dos atributos que carrega. Atributos esses que, condensados na figura do corpo ideal, exprimem os valores da sociedade de consumo em que vivemos.

Além disso, a cultura é agente transformador dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, tendo por intermediadores as redes de significados que abrangem, entre outras coisas, as categorizações de gênero (Heilborn, 1999).

Visão e cultura estão, portanto, visceralmente conectados, permeando e delineando os contornos das características de seu tempo. Assim sendo, negar o poder pedagógico que as imagens carregam é negar, em si mesma, a constituição de uma toda uma cultura da visão.

### **3.3 A qualidade pedagógica da pornografia em discussão**

Apesar do aspecto de estímulo à pedofilia que certa pornografia provoca não ser um dos focos de análise e discussão deste trabalho, isto serve como introdução ao que será tratado nesta categoria analítica: o poder pedagógico das práticas sexuais engendradas e veiculadas pela pornografia heterossexual *mainstream*.

É certo que não há consenso científico sobre a magnitude da influência da pornografia *mainstream* sobre o comportamento humano, a ponto de moldar as atitudes de alguém de fato. No entanto, em termos de senso comum, a ideia de influência sobre o comportamento das pessoas está presente quando, por exemplo, Fabiana comenta que: “*eu acho que a*

*pornografia incentiva muito essa questão da violência (...) Eu acho que muitos homens recorrem à pornografia para aprender como é que se faz. Eu acho que aprendem tudo errado! Aprendem justamente essa coisa de dominar, sabe?”* Ou, então, quando Bianca diz acreditar que os homens se inspiram muito nos atores pornô e na ideia de que a pornografia poderia servir para aprender certas “técnicas” na hora do sexo.

Ocupar-se sobre o que motiva alguém a agir de determinada maneira – seja pela escolha de uma cena ou categoria pornográfica ou a passagem da imaginação ao ato concreto – é um grande desafio que pode tomar rumos muito divergentes.

Antes de ir mais adiante é importante esclarecer que este estudo considera como base dois conceitos de atitude. O primeiro entende atitude como “crenças e sentimentos relacionados a uma pessoa ou um fato e a consequente tendência de comportamento” (Myers, 2014, p. 114). Ou seja, é um conjunto avaliativo, favorável ou desfavorável, ligado às crenças, sentimentos e inclinações a agir.

O segundo conceito também focaliza a forma como as pessoas encaram situações da vida e do dia-a-dia, porém traz um lado mais amplo, abrangendo, de forma mais profunda, os aspectos culturais. Nesse sentido, entende-se que os processos de construção de identidade são perpassados pela apreensão dos símbolos culturais e de sua socialização (Woodward, 2000). Segundo Martins (2003), a socialização caracteriza-se por ser um processo delimitado em espaço e tempo específicos, definidos pelas circunstâncias particulares de cada contexto histórico.

Tuan e Yi-Fu (1980, citado por Miranda, 2016) discutem também a maneira como lidamos com as experiências ao longo da vida, ou seja, a nossa percepção sobre as coisas e acontecimentos. A sucessão de percepções forma nossas atitudes, sendo *atitude* entendida como uma postura *cultural*, um posicionamento perante o mundo (Miranda, 2016).

Decerto o uso corrente da palavra “atitude” não é entendida sob esses dois pontos de vista. Atitude está fortemente vinculada à ideia de ação, sobretudo uma ação consciente. Considerando o exemplo do participante Arnaldo, que começou a assistir pornografia *mainstream* por volta dos 12 anos, entende-se que a ação de procurar por vídeos (naquela época em VHS) foi consciente. Porém, ao analisarmos a seguinte colocação:

*“A pornografia tem uma série de estratégias para você ficar mais tempo naquela página. Então, o cara que está ali todos os dias, que desenvolveu esse hábito, não vai assistir um vídeo inteiro de 5 minutos. Desses 5 minutos, ele assiste 30 segundos, só que ele assiste 70, 100 vídeos por 30 segundos. E aí ele passou duas horas fazendo aquilo. Então é uma coisa que você vai sendo levado”*

Como pensar que uma criança de 12 anos teria clareza e “atitude autoconsciente” de saber exatamente os mecanismos que a influencia? Sobre isso, Arnaldo complementa: *“quando você tem 12 anos, você não tem reflexão nenhuma sobre isso. A imagem que você está descobrindo, o sexo, aquela coisa toda...”*. Como Arnaldo relata, mesmo depois de adulto, há uma série de mecanismos (cores usadas nos sites, as propagandas, as capas dos vídeos, entre outros) que o levam a dispendir horas de seu dia assistindo pornografia. E aqui cabe uma constatação: o comportamento de procurar por pornografia na internet foi reforçado ao longo da vida do participante, muito embora tal atitude estivesse embasada em aspectos culturais tão enraizados (como as diferenças associadas aos estereótipos e papéis de gênero), que não houve, necessariamente, uma postura reflexiva antes de começar a realizar a procura por conteúdos pornográficos.

De acordo com Guerra, Andrade e Dias (2004), mudanças cognitivas em expectadores que dispendem um tempo considerável assistindo pornografia (seja um tempo acumulado ou

um tempo prolongado em uma única sessão) podem ocorrer. Estas mudanças podem afetar as atitudes e comportamentos desses expectadores, pois aqueles temas ou conceitos que foram ativados recentemente – estando mais acessíveis cognitivamente – serão usados para organizar as informações e guiar os julgamentos e ações do indivíduo. Ou seja, se a pornografia consumida é associada à violência e aos estereótipos de gênero, e se essa experiência for prazerosa para o sujeito, ele poderá basear suas atitudes e comportamentos nos conceitos que foram apreendidos no material observado.

Nesse sentido, o trecho da fala de Arnaldo, apresentado a seguir, está em sintonia com a discussão desenvolvida por Guerra, Andrade e Dias (2004):

*“o cara não assiste pra se divertir, ele assiste para se masturbar, a verdade é essa. Então vai ter uma série de coisas. Tem a questão do cara assistir um filme/vídeo por 5 minutos, assiste outro por 2 minutos, depois 30 segundos cada um.. Quando ele vê, tá a 1 hora sendo exposto à imagens de agressão, humilhação e ele vai assistindo aquilo, porque torna-se o padrão dele”.*

A intencionalidade, portanto, fica diluída, sobretudo quando existem uma série de mecanismos deliberadamente calculados para prender a atenção do expectador. Sobre isso, Arnaldo comenta *“os maiores sites pornográficos usam a cor vermelha porque ela desperta a atenção. Então eles usam estratégias de marketing para deixar a pessoa lá o maior tempo possível”*. Além desta estratégia visual do uso de cores, há uma outra muito mais presente e, talvez, mais sutil: a estratégia da projeção imaginativa do expectador – masculino – na cena. De que maneira isso é feito?

Abreu (2012) pontua como a pobreza na representação da personalidade do personagem masculino e a não focalização no rosto (e suas expressões) do ator no papel de

ativo sexual são utilizadas para que o espectador – masculino – possa se projetar na cena. Ou seja, para que ele possa tomar emprestado aquele instante como se fosse ele mesmo quem realiza a ação. Tal identificação projetiva só é possível se há certo esvaziamento do papel masculino, deixando espaço para a inserção do olhar *voyeurista*, que é, idealmente, masculino (Berger, 1980). Além disso, o foco da câmera não está voltado em mostrar nada além dos interesses masculinos como: o corpo feminino, suas expressões, sua elasticidade, orifícios e, sobretudo, a penetração que realiza, concretizando a ideia de “possuir” a genital feminina.

Um outro aspecto de relevância nesta singular maneira de ver, é a imaginação, a fantasia. A fala do participante Josué *“eu acho que a pornografia, além desse aspecto de alívio sexual, eu acho que ela também mexe muito com o imaginário, né? Então, eu acho que tem gente que gosta de ver pornografia pra fantasia, se imaginar fazendo aquelas coisas”* denota justamente o que a pornografia realiza: uma sexualização da realidade. Mas uma sexualização da realidade por uma via muito particular, a da fantasia. *“A fantasia pornográfica materializada na ficção – que por sua vez é também simulação, fingimento – pode representar, de modo extremado, a interminável e desesperada busca do desejo e a possibilidade de sua realização através do imaginário”* (Abreu, 2012, p. 31).

A pornografia poderia, então, ser também entendida como um mediador entre o que se pretende ser e o que se é, fazendo a ponte entre as aspirações de cada um e a sua real situação. *“Ao se pôr em contato com o produto pornográfico, o consumidor carrega as suas ilusões, os seus fantasmas, as suas fantasias”* (Abreu, 2012, p. 33).

Isto posto, pode-se chegar a um aspecto de fundamental importância no contexto da presente pesquisa: a ideia de que a pornografia *mainstream* se funda na ilusão. Assim como qualquer outro gênero de filmes, ela atua no campo ficcional, muito embora não haja fingimento no que diz respeito às masturbações e penetrações. No entanto, Díaz-Benítez

(2010) acrescenta que apesar de estar pautada na lógica do exagero e do excesso que transgride a ideia de um sexo cotidiano, ainda sim a pornografia enquadra-se na estética do realismo. A autora aponta que a performance precisa ter algo de espetacular, fora do ordinário, mas que, ainda assim, transpareça uma excitação verdadeira, uma posição que seja realizável pelo espectador e ser captada de forma que mostre o que realmente está acontecendo.

Mas, e quando o que está realmente acontecendo são penetrações vigorosas, violentas, simulações de situações de extrema vulnerabilidade, tais como o estupro? Ou quando a violência não está só no ato sexual, mas nas palavras, por meio de insultos? E quando quem está acessando o mundo sem fim da pornografia *online* está em processo de formação, buscando informações, buscando realizar no próprio corpo a promessa de uma prazer sem limites? É preciso alargar o leque de reflexões críticas, discussões e ações práticas que visem uma reformulação não só do conteúdo, mas também do acesso à tais filmes e/ou vídeos de conteúdo adulto.

#### 4. Considerações Finais

Esta pesquisa buscou trazer à tona o poder pedagógico que a pornografia poderia ter ao longo do processo de construção da subjetividade de seus consumidores. Em verdade, pôde-se notar que há sim um impacto significativo dos conteúdos pornográficos, não só nos processos de construção da vida sexual dos participantes, mas também em questões relativas à imagem corporal e padrões estéticos.

Como bem destaca Novaes (2011), vivemos em um período de um verdadeiro culto ao corpo. Mas é claro, um corpo que se enquadre dentro das expectativas sociais em relação ao que é considerado belo e desejável dentro dos padrões de sua época. Mas o corpo não se destina somente à concretização de um padrão, de um desejo. Ele é, acima de tudo, político.

Um corpo com os órgãos sexuais masculinos ou femininos não carrega somente seus atributos biológicos. Com eles, e também por causa deles, há um infinito de representações, possibilidades e consequências. Pensando na pornografia *mainstream*, Abreu (2012) comenta como os corpos são reduzidos às suas partes, especialmente pelos efeitos dos *closes* – componente primordial de narração deste gênero – que focalizam partes bem específicas dos corpos em cena.

Portanto, além de atuar em um campo limítrofe entre a realidade e a fantasia, o corpo de atores e atrizes é fracionado, quebrado, partido em pedaços que, supostamente, têm um maior impacto narrativo naquele contexto. E o que pensar da posição política que tais corpos ocupam? Seu caráter político também reparte-se? As partes poderiam ser pensadas destacadas do todo? Elas teriam algo em específico para nos dizer? Ficam aqui algumas indagações.

Um outro aspecto relevante da pedagogia subjacente à pornografia está relacionada à facilidade de encontrar e acessar seus conteúdos. Esta pesquisa destinou-se a analisar o possível impacto da pornografia *mainstream* na vida de pessoas adultas. Mas e os jovens e as

crianças? Seria demasiadamente inocente dizer que apenas pessoas acima de dezoito anos procuram e acessam filmes e vídeos pornográficos. Um exemplo desta realidade é que todos/as os/as participantes desta pesquisa tiveram contato com pornografia antes da maioria. Como lidar com essa questão? Como pensar seus possíveis desdobramentos?

É preciso um olhar mais amplo para uma questão igualmente ampla. Analisar a pornografia, nesse caso a *mainstream*, é abrir um vasto leque de maneiras de olhar, ver e pensar todos os campos de conhecimentos que cruzam e se interconectam nessa complexa teia das Ciências Humanas, incluindo a Psicologia. Sexo é vida, sexo é comportamento, sexo é cultura. Negligenciar este aspecto tão central da vida humana, ou tratá-lo com certa “cientificidade medicalizada” apagar um mundo de possibilidades. É preciso falar sobre sexo, sobre sexualidade, questão de gênero, educação, políticas públicas e tantos outros assuntos relevantes.

Enquanto não houver maior espaço para um diálogo franco e livre de preconceitos nas famílias e nas escolas, comportamentos de segregação, *bullying* e violência irão continuar fazendo parte do cotidiano de milhares de pessoas. Não se pode mais seguir fingindo que o problema não existe, que a pornografia não chega nas crianças e que essas mesmas crianças não tem, muitas vezes, outro lugar para buscar informações sobre sexo e sexualidade. Sendo assim, esta pesquisa é também um convite não só à reflexão, mas também ao diálogo. É preciso falar! Mas, em primeiro lugar, é preciso falar também com as crianças.

## 5. Referências Bibliográficas

- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Berger, J. (1980). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes
- D'Abreu, L. C. F. (2013). Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Revista Psicologia & Sociedade*, 25(3), 592-601.
- Díaz-Benítez, M. E. (2010). *Nas redes do sexo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Duarte, L. C., & Rohden, F. (2016). Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. *Estudos Feministas*, 24(3), 715-737.
- Esquenazi, J. P. (2006). Uma abordagem cultural da imagem. Em R. Gardies (Org.), *Compreender o cinema e as imagens* (pp. 147-182). Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública, (2016). *Percepção sobre violência sexual e atendimento a mulheres vítimas nas instituições policiais*. Retirado de <  
<http://www.forumseguranca.org.br/storage/download/percepcao-violencia-mulheresb.pdf>>
- Guerra, V. M., Andrade, F. C. B. D., & Dias, M. R. (2004). Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. *Estudos em psicologia*, 9(2), 269-277.
- Heilborn, M. L. (1999). Construção de si, gênero e sexualidade. Em M. L. Heilborn (Org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* (pp. 40-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Junqueira, R. D. (2009). Introdução – Homofobia nas escolas: um problema de todos. Em R. D. Junqueira (Org.), *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 13-51). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.
- Laurenti, C., & Barros, M. N. F. D. (2000). Identidade: questões conceituais e

- contextuais. *Revista de Psicologia Social*, 2(1).
- Le Breton, D. (2016). *Antropologia dos sentidos*. Petrópolis – RJ: Vozes
- Loponte, L. G. (2002). Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Estudos feministas*, 283-300.
- Louro, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pró-posições*, 19(2), 17-23.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. U. (2011). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9(1), 63-75. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v9n1a07.pdf>.
- Madureira, A. F. A. (2010). Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. Em A. L. Galinkin & C. Santos (Orgs), *Gênero e psicologia social: interfaces* (pp. 31-63). Brasília: TechnoPolitik.
- Madureira, A. F. A. & Branco, A. M. C. U. A. (2012). As raízes histórico-culturais e afetivas do preconceito e a construção de uma cultura democrática na escola. Em A. U. Branco & M. C. S. L. Oliveira (Orgs), *Diversidade e cultura da paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural* (pp. 125-155). Porto Alegre: Mediação.
- Madureira, A. F. A. (2016). Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as imagens enquanto artefatos culturais. Em J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), *Artes e Psicologia: Fundamentos e Práticas* (pp. 57-82). Curitiba: Juruá.
- Martins, S. T. F. (2003). Processo grupal e a questão do poder em Martín-Baró. *Psicologia & Sociedade*, 15(1), 201-217.
- Minayo (2007). *Pesquisa social: teoria, método e pesquisa*. Petrópolis: Vozes.
- Miranda, M. O. (2016). *Isto é pornô: a pornografia e o imaginário de seus consumidores*. (Dissertação de Mestrado). Retirado de <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/view>

[TrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5005572](#)>

- Novaes, J. D. V. (2011). Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. Em M. Del Priore & M. Armantino (Orgs.), *História do corpo no Brasil* (pp. 477-506). São Paulo: Unesp.
- Parker, R. G. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Editora Best Seller.
- Santaella, L. (2012). *Leitura de imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Santana, C. M. (2016). *Da pornografia à pornoteoria: desafios e reimaginações feministas* (Dissertação de mestrado). Retirado de <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/20009>>
- Scarpati, A. S., Guerra, V. M., & Duarte, C. N. B. (2014). *Adaptação da Escala de Aceitação dos Mitos de Estupro: evidências de validade*. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 57-65.
- Scott, J. (1989). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Texto original: Joan—Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*.  
Nota das tradutoras: A divulgação desta produção foi devidamente autorizada pela autora.
- Veiga, M. J. A. (2015). *Etnografia do Pornhub: uma análise sobre representações de gênero na pornografia* (Monografia). Retirado de <<http://bdm.unb.br/handle/10483/10378>>.
- Welzer-Lang, D. (2001). *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia*. *Rev. Estudos Feministas*, 9(2), 460-482.
- Woodward, K. (2000). *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. Em T. T.

**ANEXOS**

# ANEXO A

## Instrumentos de Pesquisa:

### Imagens Selecionadas e Roteiro de Entrevista



1

2

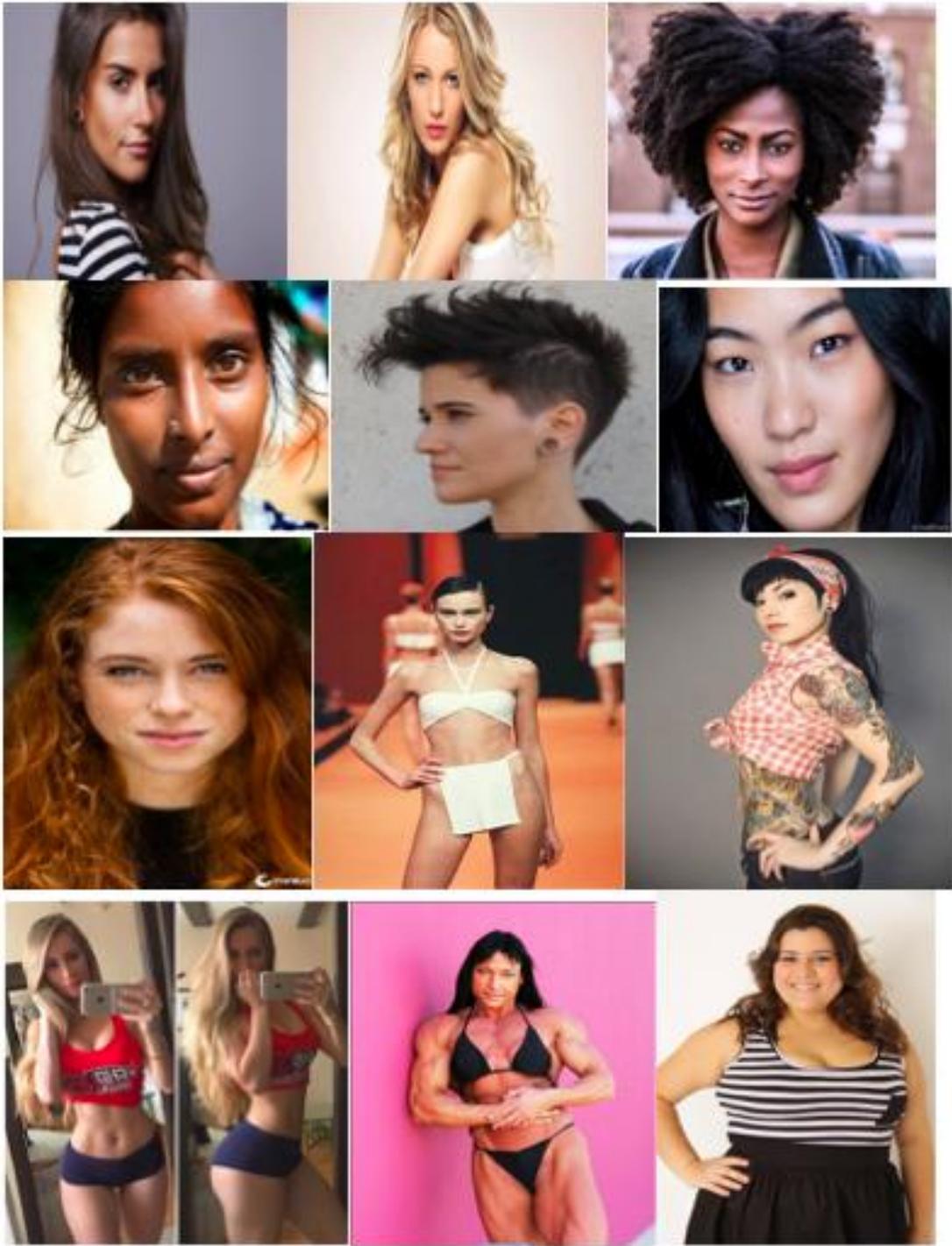
3

**Questões específicas (sobre as imagens selecionadas):****Para participantes do gênero masculino:**

- 1) Quem destes homens você gostaria de ser? Por quê?
- 2) Quem destes homens você não gostaria de ser? Por quê?
- 3) Fazendo um exercício de imaginação, se você fosse uma mulher heterossexual, com qual destes homens você se envolveria amorosa e sexualmente? Por quê?
- 4) Fazendo um exercício de imaginação, se você fosse uma mulher heterossexual, com qual destes homens você não se envolveria amorosa e sexualmente? Por quê?
- 5) Qual(ais) biotipo(s) destes homens você viu/vê com mais frequência nos vídeos e/ou filmes pornográficos?

**Para participantes do gênero feminino:**

- 1) Com qual destes homens você se envolveria amorosa e sexualmente? Por quê?
- 2) Com qual destes homens você não se envolveria amorosa e sexualmente? Por quê?
- 3) Fazendo um exercício de imaginação, se você fosse um homem, qual destes você gostaria de ser? Por quê?
- 4) Fazendo um exercício de imaginação, se você fosse um homem, qual destes você não gostaria de ser? Por quê?
- 5) Qual(ais) biotipo(s) destes homens você viu/vê com mais frequência nos vídeos e/ou filmes pornográficos?

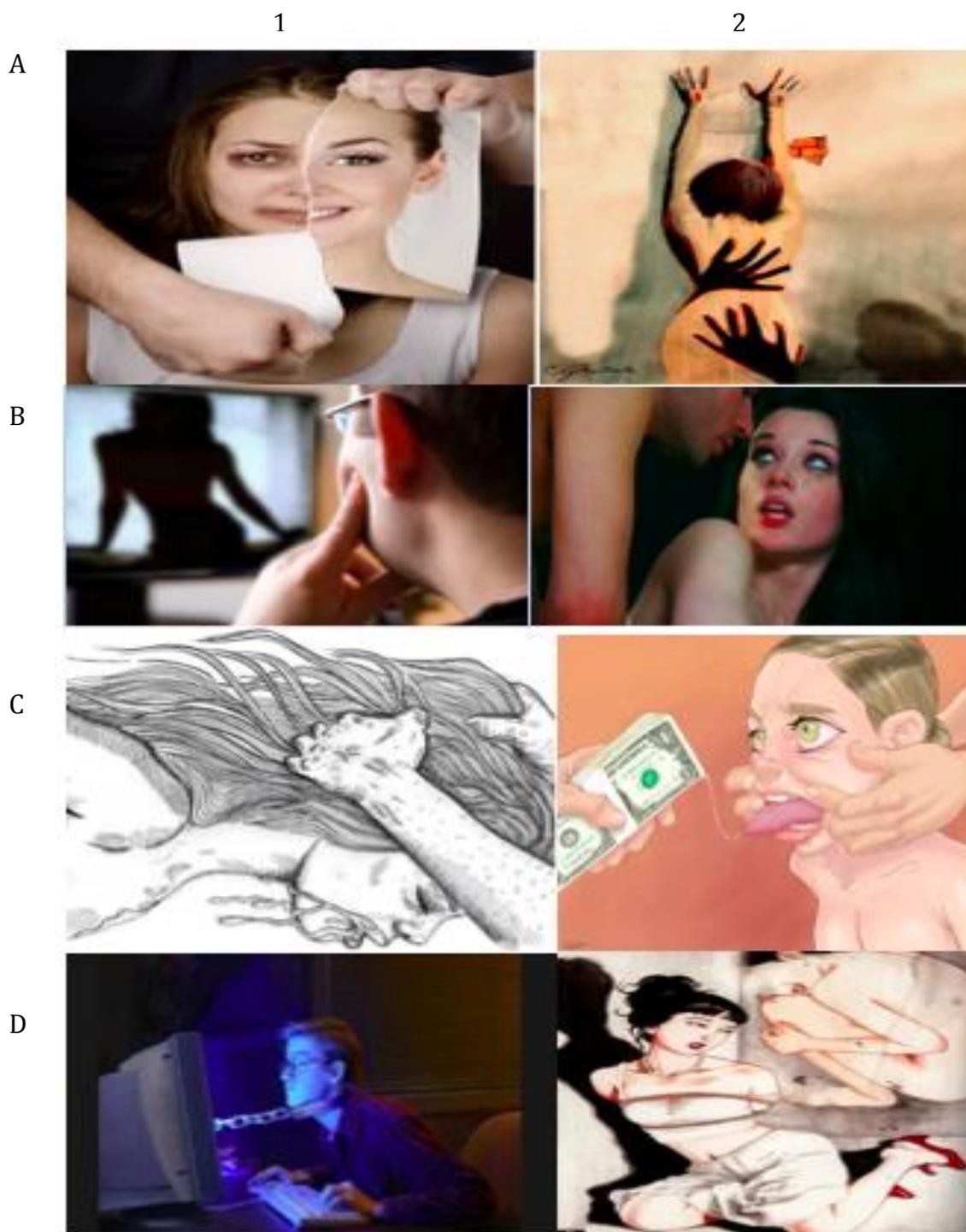


**Para participantes do gênero feminino:**

- 1) Quem destas mulheres você gostaria de ser? Por quê?
- 2) Quem destas mulheres você não gostaria de ser? Por quê?
- 3) Fazendo um exercício de imaginação, se você fosse um homem heterossexual, com qual destas mulheres você se envolveria amorosa e sexualmente? Por quê?
- 4) Fazendo um exercício de imaginação, se você fosse um homem heterossexual, com qual destas mulheres você não se envolveria amorosa e sexualmente? Por quê?
- 5) Qual(ais) biotipo(s) destas mulheres você viu/vê com mais frequência nos filmes e/ou vídeos pornográficos? Por quê?

**Para participantes do gênero masculino:**

- 1) Com qual destas mulheres você se envolveria amorosa e sexualmente? Por quê?
- 2) Com qual destas mulheres você não se envolveria amorosa e sexualmente? Por quê?
- 3) Fazendo um exercício de imaginação, se você fosse uma mulher, qual destas você gostaria de ser? Por quê?
- 4) Fazendo um exercício de imaginação, se você fosse uma mulher, qual destas você não gostaria de ser? Por quê?
- 5) Qual(ais) biotipo(s) destas mulheres você viu/vê com mais frequência nos filmes e/ou vídeos pornográficos? Por quê?



- 1) Alguma destas imagens te chama a atenção? Se sim, qual(ais)? Por quê?
- 2) O que você sente ao ver estas imagens? Por quê?
- 3) Você se identifica com alguma destas imagens, ou não? (Se sim, qual?) Por quê?

**Questões gerais:**

- 1) Gostaria que você me falasse, em linhas gerais, sobre a sua formação acadêmica/profissional.
- 2) Você acredita que houve alguma contribuição importante do seu curso para a sua vida? (Se sim, quais?)
- 3) O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre? Por quê?
- 4) O que você entende por gênero?
- 5) E o que você entende por sexualidade?
- 6) Agora gostaria que me falasse o que você entende por pornografia.
- 7) Você acha que existe diferença entre filmes eróticos e pornográficos? (Se sim, quais seriam?). Por quê?
- 8) Como foi o seu primeiro contato com a pornografia? Como você se sentiu?
- 9) Você assistiu novamente? Como foi a experiência?
- 10) Você ainda assiste pornografia? (Se sim, com qual frequência?)
- 11) Na sua opinião, qual seria o papel da pornografia na vida das pessoas e na sociedade em geral? E na sua vida?
- 12) Existem pessoas que acreditam que a pornografia pode funcionar como uma “escola” do sexo. Outras pessoas discordam e acham que a pornografia não é uma boa fonte para se aprender sobre sexo. Qual é a sua opinião? Por quê?
- 13) No(s) vídeo(s) e/ou filme(s) que você assiste/assistiu, o que te chamou mais a atenção?
- 14) Para você o que, dentro de uma relação sexual, poderia ser considerado atos de violência e desrespeito?

- 15) Você já assistiu a vídeos e/ou filmes pornográficos que, na sua opinião, continham cenas de violência? (Se sim, como você se sentiu?)
- 16) Como você vê a maneira que homens e mulheres são representados/as nos vídeos e/ou filmes pornográficos?
- 17) Você gostaria de acrescentar algo?

## ANEXO B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### **Pornografia e questões de gênero: um olhar crítico do poder pedagógico das imagens na construção das subjetividades**

**Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**

**Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira**

**Pesquisadora assistente: Amanda Duarte Vaz Pinto**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo deste estudo é: explorar de que maneira os filmes e vídeos pornográficos, enquanto veículos midiáticos, podem reproduzir práticas machistas ancoradas nas noções do patriarcado heteronormativo, a partir da perspectiva dos/as participantes.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

#### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste em uma entrevista individual, com a apresentação de imagens previamente selecionadas. A entrevista será gravada em áudio, com o seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em um local conveniente para o(a) participante.

#### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de entrevista
- Medidas preventivas serão tomadas durante a entrevista e a apresentação de imagens para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.

- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca de temáticas delicadas e ainda consideradas como *tabu*, como a sexualidade e, mais especificamente, a pornografia e suas imagens, no que concerne ao seu papel sobre as práticas sexuais das pessoas de um modo geral.

### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

### **Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Amanda Duarte Vaz Pinto, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Ana Flávia do Amaral Madureira  
Celular: (61) 99658-7755, E-mail: [madureira.ana.flavia@gmail.com](mailto:madureira.ana.flavia@gmail.com)

\_\_\_\_\_  
Amanda Duarte Vaz Pinto,  
Celular: 98583-8816, E-mail: [amandad.vazp@gmail.com](mailto:amandad.vazp@gmail.com)

**Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:**

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília - DF

CEP: 70790-075

Telefone p/contato: (61) 3966-1200

**ANEXO C**  
**Parecer do Comitê de Ética do UniCEUB**

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Pornografia e questões de gênero: um olhar crítico do poder pedagógico das imagens na construção das subjetividades

**Pesquisador:** Ana Flávia do Amaral Madureira

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 76543717.0.0000.0023

**Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.323.514

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de pesquisa que "aborda questões relativas ao fenômeno da pornografia mainstream (pornografia convencional, que mostra explicitamente o engajamento sexual do tipo oral, vaginal ou anal), enquanto dispositivo discursivo que produz determinados saberes acerca das práticas sexuais. Tal fenômeno, produzido dentro de contextos histórico-culturais particulares, atua, frequentemente, como instrumento na legitimação, perpetuação e disseminação dos ideais patriarcais heteronormativos nas sociedades contemporâneas. A pesquisa focalizará, também, o poder pedagógico das imagens, entendidas como importantes mediadores culturais. A pesquisa utilizará como base teórica a psicologia cultural e apresenta como objetivo geral explorar de que maneira os filmes e vídeos pornográficos, enquanto veículos midiáticos, podem reproduzir práticas machistas ancoradas nas noções do patriarcado heteronormativo, a partir da perspectiva dos/das participantes".

A pesquisadora esclarece que, "em termos metodológicos, será utilizada uma metodologia de investigação qualitativa, mediante a realização de entrevistas individuais semiestruturadas com os/as participantes, de forma integrada à apresentação de diferentes imagens (fotografias, desenhos, etc.). As imagens, enquanto artefatos culturais, podem se constituir em recursos

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar

**Bairro:** Setor Universitário

**CEP:** 70.790-075

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3966-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 2.323.514

metodológicos interessantes na análise e interpretação de diferentes fenômenos de interesse no campo da ciência psicológica. O uso de imagens visa estimular a construção de narrativas e reflexões por parte dos/as participantes sobre questões focalizadas no projeto de pesquisa em questão. Serão realizadas seis entrevistas individuais semiestruturadas. Os/as participantes serão homens e mulheres, estudantes universitários/as, na faixa etária entre 18 e 40 anos. É importante destacar que todos/as participantes serão pessoas maiores de idade, que não fazem parte de populações vulneráveis e que serão selecionados/as via rede social da pesquisadora assistente e não via instituição. Será mantido o sigilo em relação à identidade pessoal dos/as participantes e todos/as receberão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com o modelo disponibilizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP UniCEUB)."

As entrevistas acontecerão em "um local conveniente para o(a) participante."

#### Objetivo da Pesquisa:

A pesquisadora afirma que o objetivo principal da pesquisa consiste em "explorar de que maneira os filmes e vídeos pornográficos, enquanto veículos midiáticos, podem reproduzir práticas machistas ancoradas nas noções do patriarcado heteronormativo, a partir da perspectiva dos/das participantes."

Dentre os objetivos secundários constam:

- a) "Compreender de que maneira a pornografia pode servir como fonte de informação para os/as participantes sobre quais papéis homens e mulheres podem desempenhar durante o ato sexual";
- b) "Analisar em que medida os/as participantes acreditam reproduzir as práticas observadas nas cenas pornográficas";
- c) "Analisar como a reprodução das práticas sexuais encenadas nos vídeos e/ou filmes assistidos pode influenciar as relações interpessoais dos/das participantes".

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora alega que "a pesquisa possui baixo risco, sendo estes inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas durante as entrevistas serão tomadas para minimizar qualquer

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar  
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075  
 UF: DF Município: BRASÍLIA  
 Telefone: (61)3966-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 2.923.514

risco ou incômodo. Por exemplo, os/as participantes serão informados/as que suas identidades pessoais serão mantidas em sigilo e que não existem respostas certas ou erradas. Ou seja, é esperado que respondam as perguntas que serão apresentadas de acordo com as suas opiniões pessoais. Mesmo assim, caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento aos/às participantes, os/as mesmos/as não precisam realizá-lo."

Quanto aos benefícios pondera que, "ao participar da pesquisa, os/as participantes irão contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada em relação ao tema investigado, a saber: de que maneira os filmes e vídeos pornográficos, enquanto veículos midiáticos, podem reproduzir práticas machistas ancoradas nas noções do patriarcado heteronormativo."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A proposta de pesquisa, o método de coleta de dados e o instrumento de coleta de dados não afrontam princípios éticos que impeçam a sua realização.

A análise do projeto permite compreender o objetivo desejado pela pesquisa.

O currículo da pesquisadora principal comprova experiência na área.

A pesquisa é de baixo custo, com financiamento próprio.

O calendário de execução do projeto está em conformidade com os prazos mínimos de tramitação neste CEP.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Documentos mínimos exigidos apresentados:

- a Folha de Rosto (FR) e as Informações Básicas do Projeto estão em conformidade com as exigências normativas.
- o TCLE está em conformidade com as normas vigentes e com as exigências deste CEP.
- Foi juntado o questionário a ser respondido e as imagens a serem analisadas pelos participantes.

**Recomendações:**

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1º andar  
**Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075  
**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA  
**Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br